
NOTAS PARA UMA POÉTICA DA RESISTÊNCIA

NOTES FOR A POETICS OF RESISTANCE

Raul Azevedo de Andrade Ferreira ¹

Resumo: O presente artigo realiza uma reflexão sobre como a noção de resistência pode ser pensada a partir do discurso poético. Neste sentido, ele primeiro mobiliza algumas noções da análise do discurso de linha francesa e enunciados emitidos ao longo da mais recente campanha eleitoral a fim de desenvolver uma breve análise do discurso da extrema-direita, cuja presença no interdiscurso da conjuntura ideológica nacional determina as condições de produção nas quais uma poética da resistência pode ser pensada. Em seguida, ele analisa alguns poemas do poeta recifense Miró da Muribeca procurando exemplificar uma modalidade de poesia onde o ético converte-se em *estético*.

Palavras-chave: Poesia; Resistência, Miró da Muribeca.

Abstract: This article presents a reflection on how the notion of resistance can be thought from poetic discourse. In this sense, it first mobilizes some notions of the French discourse analysis and statements issued during the most recent electoral campaign in order to develop a brief analysis of the discourse of the extreme right, whose presence in the interdiscourse of the national ideological conjuncture determines the conditions of production in which a poetics of resistance can be thought. It then analyzes some of the poems of the recifense poet Miró da Muribeca looking to exemplify a modality of poetry where the ethical becomes aesthetic.

Key-words: Poetry, Resistance, Miró da Muribeca.

¹ Professor de literatura brasileira e teoria literária da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: raulandradef@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como é de conhecimento geral, há alguns anos o Brasil atravessa um período de crise que se manifesta em vários âmbitos da realidade nacional: na economia, nas instituições, na política etc.. O presente trabalho dirige-se a alguns efeitos desta crise na língua e procura pensar uma proposta de resistência política e estética ao autoritarismo que emerge neste contexto. Imbricada no plano ideológico a partir dos discursos que circulam na sociedade, a língua sofre os efeitos da perturbação provocada pela disputa política. Abordando a crise linguística, pretende-se aqui pensar como a arte e a poesia podem se comportar neste momento complexo que o país atravessa.

A campanha eleitoral de 2018 criou uma espécie de *vórtice linguístico* em nossa sociedade. O debate que desenvolvido durante o período eleitoral forçou cada um de nós a assumir uma narrativa, um discurso; a ocupar uma posição diante da crise. Os posicionamentos então disponíveis também podem ser entendidos como um comportamento linguístico, como uma maneira de se relacionar com a língua. As posições que surgiram modificaram nossa relação com os significantes e com algumas estruturas linguísticas. Desta maneira, as linguagens políticas agravaram a divisão de linguagens que marca toda e qualquer sociedade moderna. Sob o pano de fundo da unidade do idioma nacional, há uma divisão social da linguagem que, não obstante não impedir a troca de informações, dificulta a interlocução, freia o dialogismo que constitui a linguagem. Os discursos que se formam dentro do conflito social estabelecem barreiras à troca de valores, visões e dizeres. A alternância de monólogos passou a substituir o diálogo e a língua tornou-se um campo de batalha, “um lugar onde a sociedade transforma a diferença em conflito” (BARTHES 2004, p.134), onde forças ideológicas antagônicas disputam significantes e significados. Esta situação coloca a necessidade de se restaurar a língua, de se devolver as coisas às palavras, de trazer paz ao idioma sem fugir dos enfrentamentos que se fazem cada vez mais necessários. Nesta tarefa, a poesia pode ser uma ferramenta estratégica.

2.O DISCURSO CONSERVADOR E A ASCENÇÃO DA EXTREMA-DIREITA NO BRASIL

Inicialmente, é necessário entender as condições que presidem o surgimento dos discursos que promovem a guerra de linguagens, pois são nelas que a poética da resistência se elabora. Os discursos políticos da crise são consequência do fim dos arranjos políticos que sustentavam a Nova República. Na política partidária, esta nova conjuntura pode ser observada no declínio dos principais partidos políticos (PT, PSDB, PMDB, PP), no fortalecimento da bancada evangélica e na ascensão de uma nova força partidária de extrema-direita, o Partido Social Liberal (PSL), nos poderes executivo e legislativo.

Este rearranjo das forças políticas é consequência direta de um novo quadro discursivo onde questões morais e religiosas preponderam sobre questões restritas ao domínio político e econômico. A antiga polarização entre uma *direita liberal* e uma *esquerda social* é substituída pela oposição entre um *conservadorismo punitivo* e excludente e um *progressismo compreensivo* e inclusivo, onde o primeiro grupo ganha terreno e coloca o

segundo na defensiva, forçando-o a uma readaptação de suas táticas e estratégias (cf. SOLANO, 2017, p.37).

Em seu funcionamento mais elementar, os procedimentos semânticos do discurso conservador trabalham desqualificando grupos de indivíduos identificados como antagonistas e em seguida indicam alguma forma de exclusão ou mesmo de eliminação de seus membros do tecido social. O primeiro procedimento é realizado mediante uma tradução disfórica das posições sujeito² produzidas nos discursos com os quais ele antagoniza. Esta tradução interfere na linguagem criando neologismos e termos pejorativos que requalificam as subjetividades situadas no espectro ideológico oposto. Deste modo, o caráter eufórico que estas identificações possuem nas formações discursivas de partida³ é invertido em qualificações *disfóricas*. É desse modo que as *feministas* tornam-se *feminazi*; as pessoas alinhadas a ideologias identificadas como “de esquerda” são referidas por termos como *esquerdopatas* ou *petralhas*; os indivíduos em situação de vulnerabilidade econômica são referidos como *marginais* e *vagabundos*; o termo comunista passa a ser empregado em tom ofensivo etc.. Os neologismos produzidos dentro deste discurso funcionam ativando uma memória ligada ao domínio da criminalidade, posto que se encaixam com pré-construídos relativos às ideias de *nazista*, *psicopata* e *metralha*⁴.

A criminalização das posições sujeito antagônicas corre grande risco de ganhar efetividade jurídica na medida em que a nova força política dominante sinaliza que levará adiante iniciativas como as que visam prender pessoas ligadas aos movimentos sociais⁵. Ao seguir neste sentido, o discurso do conservadorismo punitivo assume um tom autoritário e torna-se um discurso de ódio. Ele cria um espaço simbólico que torna possível o exercício das mais variadas formas de violência que pretendem silenciar e eliminar seus adversários políticos. Os discursos que circulam na sociedade funcionam como suporte ideológico para as práticas dos indivíduos. Os efeitos do conservadorismo punitivo na *práxis* da vida cotidiana podem ser observados nos vários casos de agressões e assassinatos que começaram a se multiplicar logo após a divulgação dos resultados das eleições do primeiro turno⁶.

2 Seguimos aqui a linha de raciocínio sugerida por Eni Orlandi (2012, p.228): Num primeiro momento, há a *forma sujeito* histórica referente ao sujeito jurídico dotado de direitos e deveres e resultante da interpelação operada pela ideologia capitalista. Num segundo momento, esta forma sujeito é identificada pelos efeitos de sentido produzidos dentro das formações discursivas atuantes em determinadas condições de produção. Desta maneira, as posições sujeito são constituídas na sociedade.

3 Utilizo a perspectiva apresentada por Dominique Maingueneau (2008) na qual os discursos são gerados a partir de uma *heterogeneidade constitutiva*, de maneira que “a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com o seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.36)

4 Termo que faz referência aos personagens da Disney, *irmãos metralha* (*The Beagle Boys* em inglês): uma quadrilha de ladrões que tentam sempre sem sucesso roubar a caixa forte do *Tio Patinhas* (*Uncle Scrooge* em inglês).

5 O deputado Eduardo Bolsonaro sugere prender 100 mil pessoas. Suas afirmações podem ser conferidas na seguinte entrevista: <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2018/11/eduardo-bolsonaro--se-for-necessario-prender-100-mil-qual-o-problema-1014155723.html>

6 Ao que tudo indica, a confirmação do favoritismo do então candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro e da renovação conservadora da câmara dos deputados fortaleceram o discurso do *conservadorismo punitivo* e vários casos de agressão foram constatados logo após a divulgação dos resultados do primeiro turno das eleições. Sobre tais casos: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539282750_803269.html

O discurso da extrema-direita dirige-se agressivamente a vários grupos de indivíduos identificados em determinadas posições sujeito. Um primeiro caso de grupo afetado são os pobres. Vinculado a bandeiras neoliberais e sustentado pela noção de *meritocracia*, o conservadorismo punitivo culpabiliza o pobre por sua pobreza, associando-a a uma suposta indolência, incapacidade de produzir e de acumular recursos, de se qualificar e se integrar ao mercado de trabalho⁷. Neste âmbito, o termo *vagabundo* funciona como um índice para identificar os indivíduos que seriam descartáveis em função de um critério econômico. O conservadorismo também dirige-se de maneira muito assertiva aos indivíduos identificados como criminosos advogando um maior endurecimento das leis que visam puni-los. É neste contexto que também se defende o armamento da população como medida de combate à violência. Os significantes centrais neste ponto são *marginal* e cidadão de bem, dispostos em posições simetricamente opostas. É comum, dentro desta formação discursiva, o emprego casado dos termos *marginal* e *vagabundo*, completando o processo de criminalização da pobreza e reforçando o critério econômico com um crivo que remete a uma conotação jurídica. Considerando que os crimes a que o conservadorismo se dirige são os que costumam ser cometidos por pessoas situadas em uma situação de vulnerabilidade social, como é o caso daqueles que atuam na ponta final da cadeia do comércio de drogas, e que a população negra é a principal afetada pelas desigualdades e concentração de renda, a criminalização da pobreza assume um aspecto racista que também deve ser ressaltado.

Outros grupos de indivíduos perseguidos são aqueles formados por pessoas ligadas aos movimentos sociais e às “bandeiras da esquerda”, por feministas e pela comunidade LGBTI⁸. Apesar de não reconhecerem o componente homofóbico e misógino de seu discurso, os conservadores, em grande parte devido aos fundamentos religiosos de seu discurso, ao evocarem a noção de *família tradicional*, pretendem, por exemplo, limitar os direitos das minorias sexuais, preservar o entendimento do aborto como crime independentemente das circunstâncias da gestação e reforçar a ideia de que a função social da mulher restringe-se ao ambiente doméstico e ao cuidados dos filhos.

Além de criminalizar, o discurso conservador-punitivo também atua desumanizando os indivíduos alinhados às posições sujeito antagonizadas. Uma das formas disto ocorrer é mediante procedimentos zoomórficos. Ele pode ser verificado nos enunciados já mencionados, mas outros episódios também podem servir de exemplo. Quando candidato, Jair Bolsonaro empregou termos como “procriar” e “ruminar” para se referir aos quilombolas e militantes progressistas. Em ato intitulado “Marcha da Família com Bolsonaro”, ocorrido no dia 23 de setembro de 2018, militantes de extrema-direita entoavam músicas que comparavam feministas a cadelas⁹. Sobre o casamento entre pessoas de mesmo sexo, o deputado

7 Um episódio conhecido ocorre quando o então deputado Jair Bolsonaro, durante uma palestra realizada no dia três de abril de 2017 para a comunidade judaica, diz que os quilombolas “Não fazem nada” e que não serviriam “nem para procriador”. Mais adiante, ele afirma: “Se eu chegar lá [na presidência], não vai ter dinheiro para ONG. Esses vagabundos vão ter que trabalhar. Pode ter certeza que se eu chegar lá, no que depender de mim, todo mundo terá arma de fogo em casa, não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou para quilombola” (grifos nossos). As declarações podem ser conferidas em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/>

8 Sigla de *lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais e intersexuais*.

9 Um trecho da música continha os seguintes versos: “Dou para CUT pão com mortadela e para as feministas, ração

Takayama associa a homoafetividade a uma suposta “teoria marxista” e à zoofilia¹⁰.

Estes processos simbólicos criminalizadores e desumanizadores de parcela da sociedade brasileira instaurou uma cultura de extermínio na tradição nacional. Esta cultura ressurge com força na medida em que o discurso da extrema-direita passa a exercer hegemonia no interdiscurso.

Nas falas emitidas ao longo da carreira política de Jair Bolsonaro, são recorrentes as falas ligadas à ideia de eliminação de adversários. Seus apoiadores também costumam emitir dizeres alinhados. Neste contexto, é também relevante a declaração do historiador estadunidense David Duke, um dos principais representantes do grupo supremacista branco Ku Klux Klan, quando ele afirma que Bolsonaro “soa como nós”¹¹.

O funcionamento da rede parafrástica do discurso conservador deixa bastante claro que ele se constitui a partir de uma relação dialógica com o discurso progressista¹². Este último defende a necessidade da inclusão das minorias na cidadania e entende a criminalidade como um problema de ordem social e não como uma questão restrita às individualidades dos criminosos. Provocado pela onda reacionária surgida ao longo da crise política, o conservadorismo punitivo apresenta-se como a posição capaz de combater a ideologia progressista. Situados no mesmo *espaço discursivo* onde se desenvolve a disputa política, o discurso da extrema-direita trabalha operando inversões e disjunções dos termos presentes no discurso antagonizado. Deste modo, a fim de justificar a eliminação de setores da população, ele precisa antes desumanizar as formas-sujeito conta as quais ele se levanta e, em seguida, ridicularizar a atitude empática que é dirigida a estes setores pelos enunciadores do progressismo inclusivo.

No discurso da extrema-direita, é curioso e preocupante o emprego do humor. Na descrição do *game Bolsomito 2K18*, afirma-se: “muita porrada e boas risadas”. A ideia de piada, de brincadeira, também aparece em muitas tentativas de relativizar as afirmações cruéis e violentas. A aparência de *humor* pretendem mascarar a violência simbólica que tais dizeres perpetuam e assim facilitar o seu consumo e a interpelação dos indivíduos nas posições sujeito elaboradas por este discurso. Desta maneira, o discurso do conservadorismo-punitivo assume um tom grotesco, ubuesco, termo empregado por Foucault para se referir ao exercício autoritário e pueril do poder. *Ubuesco* é um discurso que mata e faz rir ao mesmo

na tigela. As mina de direita são as top mais belas enquanto as de esquerda têm mais pelos que as cadelas.” Reportagem sobre o evento pode ser conferida em: <https://www.revistaforum.com.br/ato-pro-bolsonaro-em-recife-tem-musica-que-compara-feministas-a-cadelas/>

10 Em entrevista concedida à Huffpost Brasil, ele afirma: “Porque senão amanhã – estou exagerando – o camarada gosta de uma vaca, vai virar avacalhação? Eu gosto de uma vaca então vou casar com uma vaca?” A entrevista pode ser conferida em: https://www.huffpostbrasil.com/2017/06/16/homem-nao-foi-feito-para-atividades-de-casa-diz-presidente-da_a_22140743/

11 A declaração pode ser conferida em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/ele-soa-como-nos-ex-lider-da-ku-klux-klan-elogia-bolsonaro-mas-critica-proximidade-com-israel,abbbd712aab704bdb1d5461c491529ec8p1ypmd7.html>

12 Seguimos aqui as orientações de Dominique Maingueneau quando ele afirma que “a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro” (MAINGUENEAU, 2008, p.35), e que este Outro aparece para o discurso primeiro como “a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso” (MAINGUENEAU, 2008, p.37)

tempo (cf. FOUCAULT, 2010, p.7). Ele configura-se como “um dos procedimentos essenciais à soberania arbitrária. É, pois, um discurso do medo e um discurso da moralização, é um discurso infantil” (FOUCAULT, 2010, p.31).

3. A POÉTICA DA RESISTÊNCIA DE MIRÓ DA MURIBECA

Numa conjuntura onde o ambiente bélico da linguagem é intensificado, o dano causado à língua pode ser observado no esvaziamento de seus significantes. Ainda que assumamos como pressuposto elementar a ideia de que os sentidos das palavras nunca existam “em si mesmo”, que elas, as palavras, “mudam de sentido segundo as posições sustentada por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX 2009, p.146), deve ser reconhecido que a entrada de um discurso autoritário no interdiscurso de uma sociedade modifica sensivelmente a dinâmica das relações interdiscursivas. O que agora se constata não é apenas uma oscilação semântica – fenômeno natural e até saudável ao funcionamento de um idioma – mas uma intensificação de táticas de silenciamento que visam justamente estabilizar os significados numa única matriz de sentido. Sequestrados, os significantes perdem sentidos até então construídos dentro de certo consenso social e, deste modo, deixam de servir à interlocução entre aqueles que buscam *redicionarizar* a língua e aqueles que agora são forçados a resistirem ao silenciamento. Atribuir qualidades opostas a um termo como, por exemplo, *nazismo*, inviabiliza o seu emprego no diálogo, dificultando o dialogismo e, desta forma, produzindo um *travamento* da linguagem¹³. Em meio à crise, os termos que compõem a língua e que correspondem a noções elementares da vida civilizada e do debate político – *democracia, justiça, verdade, esquerda/direita, marxismo, feminismo, família, ditadura, nazismo, cidadão*, etc. – são atacados e esvaziados. Instrumentalizados pela disputa político-ideológica, os signos restam fechados nas redes parafrásticas das diferentes formações discursivas.

Tendo em mente que a questão semântica não se limita à dimensão da linguagem, i.e.: que a “questão da *constituição do sentido* se junta à da *constituição do sujeito*” (PÊCHEUX 2009, p.140, grifos do autor), de maneira que o quadro semântico de um idioma em dadas condições de produção está intimamente ligado à gestão da visibilidade das subjetividades atuantes em dada sociedade, pode-se concluir que os ataques realizados à língua são efeitos dos ataques aos indivíduos e à própria noção de humanidade. Pode-se afirmar, então, que a cultura de extermínio propagada pelo conservadorismo punitivo encontra-se diretamente ligada ao processo de travamento do dialogismo.

Inviabilizando a interlocução, o conservadorismo-punitivo silencia e invisibiliza o outro: é um discurso autoritário. Pregando a eliminação de seus adversários políticos e da camada economicamente vulnerável da população, ele promove a inconexão, o divórcio entre indivíduos: é um discurso de ódio. Ortega Y Gasset, pensador espanhol que viveu durante a

13 Outros exemplos deste mesmo efeito de sentido podem ser verificados nas associações de termos com conotação política negativa, como o fascismo, o nazismo, ditadura militar e Klu Klux Klan à noção de “esquerda”. A situação chamou a atenção da Embaixada da Alemanha em Brasília, que chegou a publicar um vídeo no Facebook que pretendia explicar aos brasileiros o que era o nazismo. Revoltados, militantes da extrema-direita recusaram-se a aceitar as explicações fornecidas pela embaixada. Esta recusa pode ser entendida como um dos sintomas disto que chamamos aqui de “travamento da linguagem”. A polémica pode ser acompanhada num artigo de Mariana Rossi e Regiane Oliveira para o site do jornal El País: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html

Guerra Civil Espanhola e assistiu a ascensão da ditadura de Francisco Franco, alerta sobre os efeitos destrutivos do ódio: “O ódio é um afeto que conduz à aniquilação dos valores. Quando odiamos algo, colocamos entre nossa intimidade e o objeto uma impiedosa cortina de aço que impede a fusão, mesmo transitória, da coisa com o nosso espírito.” (ORTEGA Y GASSET 1967, p.37). O ódio estabelece um bloqueio da sensibilidade e da cognição. O discurso da extrema direita rasga o tecido social na medida em que produz incompreensão.

Porém, ainda que um alto grau de bloqueio do dialogismo possa ser atingido, a exemplo do que acontece em sociedades organizadas por regimes autoritários, como a da Coreia do Norte, a anulação desta propriedade da linguagem é uma tarefa impossível de ser atingida completamente. Se, como afirma Maingueneau (2008), os discursos dinamizam-se dialogicamente, então o discurso autoritário necessariamente provoca um discurso da resistência, e o outro do discurso do ódio não pode ser senão um discurso do amor. Segundo Eni Orlandi (2012), a resistência é provocada pelo funcionamento segregador da sociedade capitalista. Considerando que o discurso da atual extrema direita vem acompanhado de um forte apelo neoliberal, é possível supor que o autoritarismo seja buscado pelas forças capitalistas como uma forma de livrar-se das mediações democráticas e assim impor sua agenda mediante o emprego da força. Para isso, promovem a supressão de seus opositores e da parcela do exército de reserva que o momento de reajuste econômico torna descartável. Os sujeitos incompreendidos e desumanizados, no entanto, não permanecem inertes, não são passivos. A própria incompreensão produzida torna-se motor para novos movimentos semânticos, para eventos discursivos que surgem a cada instante e que geram sentidos dentro da zona do indizível do discurso autoritário. São nesses movimentos que a noção de resistência deve ser pensada (cf. ORLANDI, 2012, p.225).

A resistência deve promover espaços para que façam circular os sentidos que explodem na “zona morta” do discurso conservador. Deve fazer com que esses sentidos produzam impacto social e revertam a incompreensão fabricada. Para isto, é importante e necessária a mobilização das linguagens estéticas tal como manipuladas pelas subjetividades que se encontram mais diretamente ameaçadas pelo conservadorismo neofascista. A arte é o discurso do sensível. Ela mostra mais do que diz. Ela sensibiliza mais do que explica. É por elas que os sujeitos e os dizeres que são silenciados ganham voz, aparência e significação plena. Dentre as linguagens estéticas, a poesia deve ser entendida como um instrumento ideológico altamente eficaz. A poesia opera recombinações de termos significantes de modo a produzir efeitos de sentido inusitados, não previstos pelas articulações entre enunciados elaboradas nas formações discursivas polarizadoras da disputa política. Por conta disso, a utilização estética da linguagem pode ser a prática desarticuladora dos sentidos cristalizados que travam a linguagem; é por meio dela (e de outras linguagens estéticas) que a roda da linguagem pode voltar a girar.

Linguagem dotada de grande porosidade em relação ao domínio ideológico e à realidade social, a poesia tradicionalmente foi empregada no exercício da resistência. A pressão exercida pelo autoritarismo costuma provocar as mais variadas manifestações poéticas. Se, por um lado, os exemplos fornecidos pelos romances cientificistas do século XIX, bem como pelos *cartoon* e *game* surgidos durante a campanha política indicam que a arte pode ter uma influência perniciosa quando não é orientada eticamente, por outro é também pos-

sível encontrar as devidas formas de beleza capazes de deslegitimar o ubuesco neofascista. Para tal, a poesia deve converter em representação sensível a *compreensibilidade* que falta às linguagens políticas que ganham força neste momento de escalada do autoritarismo. Um exemplo valioso neste sentido é o trabalho do poeta recifense Miró da Muribeca. Uma leitura de suas composições pode contribuir para a reflexão acerca do sentido que a resistência poética pode assumir neste contexto de crise.

Miró, nascido João Flávio Cordeiro da Silva, mas conhecido como Miró, ou Miró da Muribeca, em referência ao bairro periférico onde o poeta cresceu e ao jogador do Santa Cruz Futebol Clube, Mirobaldo, com quem o poeta se assemelhava quando jogava futebol em campos de subúrbio, nasceu em 1962 e desde 1985 publica livros de poesia por editoras independentes. Circulando e promovendo recitais e saraus em mercados, bares e feiras públicas do Recife, tornou-se um dos principais representantes da chamada *poesia marginal*: uma corrente poética popular-urbana que expressa os dramas da vida na cidade vivenciados pela população mais carente.

Sua carreira poética já é suficiente para consolidar seu reconhecimento como um grande artista. Miró participou de eventos literários importantes, onde teve oportunidade de recitar suas composições para outros artistas e intelectuais, como Antonio Candido, Adélia Prado, Augusto de Campos e Ignácio Loyola Brandão. Foi o homenageado da 16ª edição do *Festival Recifense A Letra e a Voz*, em 2018. A sua obra foi coligida no volume *Miró até agora*, organizado por Wellington de Melo e publicado pela CEPE editora. Miró também impactou o cinema, sendo a principal influência para o filme *A febre do rato* (2011), de Cláudio Assis. Ele também influenciou as artes plásticas, seus poemas foram adaptados em versão HQ pelos ilustradores Ayodê França, Christiano Mascaro, Raoni Assis e Shiko no volume *João Flávio Cordeiro da Silva: Tô Miró*.

Miró rejeita o rótulo de *poeta marginal*, prefere se pensar como um cronista urbano. Em seus poemas-crônicas, aparece as pessoas que sofrem as agruras da vida nas cidades de um país marcado pela desigualdade. Reativa, a poesia de Miró eclode do impacto causado pelo drama social. Ela enxerga e faz ver as realidades que são jogadas no campo do invisível. Em entrevista concedida ao programa *Nordeste Mais*, da *TV Jornal* de Pernambuco¹⁴, o artista assim define a sua poesia: “Eu me apresento como um cronista urbano. Eu costumo dizer que minha poesia entende o gari, entende o engenheiro, entende o médico, entende a prostituta, entende o motorista de ônibus, porque minha crônica é urbana, é o que tá aí, é o que você tá vendo, mas não escreve porque não tem o exercício e não tem tempo, porque trabalha”. Esta definição já indica o caráter *compreensivo*, *empático* de sua poesia. As imagens que ela produz constroem um *olhar compreensivo* sobre as coisas, uma *representação empática* das realidades humanas espalhadas e esquecidas pela cidade. Na sua declaração, atentemos ao emprego do verbo entender. Ele não diz que é o outro que entende a sua poesia, mas sim que é a sua poesia que entende o outro.

É possível interpretar a poesia de Miró a partir da noção de *compreensibilidade* e, por meio dela, associar sua poética à noção de resistência. Realizo agora um gesto de leitura em três movimentos que compõem a busca por compreensão por parte do poeta. Cada um deles

14 A entrevista pode ser conferida em: <https://www.youtube.com/watch?v=jKJM1PsHBW0>

assinala um momento de uma procura que culmina na reintegração das coisas que são separadas ao longo da crise social. Os diferentes momentos ocorrem dentro de uma sequência: *questionamento – contemplação – integração*. Ao fim, aquilo que permanecia invisível ganha luz; o que restava incompreendido adquire sentido; o que estava rasgado é recosturado no tecido social e reintegrado à condição humana.

Num primeiro momento, encontramos o poeta numa atitude contemplativa e questionadora. Ele atravessa os objetos, as pessoas, e em seguida percebe que os sentidos para as coisas não estão dados. O poeta então questiona, persegue os sentidos que faltam, mas nada é respondido e o silêncio provoca a dor que constitui a matéria prima de seu lirismo.

Janela de ônibus¹⁵

Janela de ônibus
É danado pra botar a gente pra pensar
Ainda mais quando a viagem é longa.

Uma casinha branca lá no alto da montanha,
E eu perguntando,
Quem mora lá?
Quem mora lá?

Um homem na BR olhando pro nada,
Uma mulher com um saco de capim na cabeça,
E o sol estralando nas suas costas,
E os políticos dando as costas.

Janela de ônibus,
Janela de ônibus,
É danado pra botar a gente pra pensar,
Ainda mais quando a viagem é longa.

Janela de ônibus é uma composição emblemática da poética de Miró, de uma poesia que se constrói pelo olhar que atravessa a cidade e as realidades humanas numa condução popular. Não temos aqui o olhar condoreiro de um Castro Alves, que vê de cima e à distância, mas um olhar que vê mais porque percorre os meandros das diversas realidades humanas. Neste momento, a tragédia social surge nos sentidos que o poeta não consegue alcançar, nos silêncios que constituem as únicas respostas possíveis para as perguntas repetidas dramaticamente: “Quem mora lá?”. Quem mora na distância? Para onde o homem olha se não há nada diante dele? Por que a mulher precisa carregar um saco de capim debaixo

15 Devido ao caráter performático de sua poesia, brilhantemente estudado por André Telles do Rosário (2007), a poesia de Miró é, de certa forma, ilegível. É necessário ver o poeta em ação realizando seus poemas com seu corpo. Por conta disso, cito seus poemas a partir de vídeos seus disponíveis no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=0X7gCgiud94&t=2s>

do sol? Como, diante de tudo, os gestores públicos podem ser indiferentes? Não há resposta verossímil, e o absurdo é a flecha que perfura o coração do poeta.

O segundo momento é marcado pela chegada do poeta à zona do silêncio. Mais uma vez ele consegue enxergar o que foi velado, consegue sentir os indivíduos desumanizados pela lógica reificadora.

Elza caga na rua¹⁶

Elza gaga na rua
No largo de Santa Cecília
Não limpa a bunda
Nem por isso morreu ainda.

Elza caga na rua,
No largo de Santa Cecília,
Não limpa a bunda,
Nem por isso morreu ainda.

A guarda metropolitana
Não ousa prendê-la.
Não há nada no código penal que diga
Que cagar na via pública é crime,
E se tivesse,
Elza cagaria do mesmo jeito.

Dizem que Elza não tem juízo.
Os sem-juízo são imunes
Perante Deus e a polícia.

E nem sequer sabem
Da existência
De papel higiênico.

Elza pode ser entendida como alguém que morava nas distâncias aludidas pelo poema anterior. Neste, o poeta parece ter descido do ônibus e ido ao encontro de um daqueles que foram esquecidos pelos políticos e pelas demais pessoas. Ele encontra uma mulher situada nas margens da sociedade, mas ele recusa-se a entendê-la como alguém descartável, executável. A situação da personagem observada e as palavras prosaicas empregadas para referir-se à sua situação, *cagar, bunda, papel higiênico...*, poderiam a princípio dar a entender que ele pretende provocar o riso, mas é justamente o contrário o que acontece. O ubuesco largaria Elza na zona do risível, de um riso que rebaixa, humilha e desumaniza. O poeta,

16 https://www.youtube.com/watch?v=_dl2DQE9Eb4

no entanto, não ri, ao contrário. Ele chora e se desespera, pois conseguiu ver o outro e sentir empatia. Ele se compadece de seu drama. Sua voz é de indignação. Seu semblante é de desespero. No gestual do poema, o poeta parece se esforçar para reunir forças necessárias à enunciação de uma realidade cruel. O poeta compreende quem é Elza e a apresenta como alguém necessário ao corpo da sociedade, alguém cuja dor deve ser compadecida. Assistir o seu desespero provoca nossa sensibilidade e abre nossa consciência para a vida dos indivíduos subalternizados.

No terceiro momento, o da integração, o poeta consegue não apenas enxergar o aquilo que resta invisível dentro de uma normalidade burguesa, mas também perceber e representar a unidade das coisas, não obstante elas aparecerem enquanto separadas. Agora, o poeta consegue superar as divisões criadas pelos conflitos sociais e apresentar uma realidade permeada por conexões:

O amor,
 Passou na tarde,
 Com a mão direita sobre o ombro
 De um filho com síndrome de down

Em frente ao edifício Roma,
 No coração finesse da Aldeota,
 Um jumento espera inquieto
 A volta de seu dono
 Que foi tomar uma sopinha com pão
 Com o dinheiro das migalhas que catou.

E eu fiquei tão emocionado
 Que não consegui escrever mais nada.¹⁷

A leitura do poema é auxiliada pelo conhecimento das circunstâncias que presidiram sua composição. Relata Miró que estava em Aldeota, um bairro de classe média de Fortaleza, quando viu uma senhora com um menino com síndrome de *Down*. O poeta decide que irá escrever um poema sobre aquela cena, mas surge um catador de lixo numa carroça com um jumento e pára para tomar uma sopa num restaurante popular. Ele amarra o seu animal, que o espera terminar sua refeição. Miró afirma que o catador e o jumento pareciam se comunicar com olhares. É um momento de epifania social.

O poema trata de conexões. Ele constrói uma cena onde as coisas – a tarde, o edifício, a cidade, a sopa e as migalhas –, as pessoas – a mãe, o filho, o catador – e o animal, apesar de pertencerem a realidades naturais e sociais distintas, estão conectados numa mesma e única realidade expressiva, a realidade do próprio poema. A mãe conectada ao filho pela mão sobre o ombro. O animal ao seu dono pela espera. O pano de fundo é formado por um bairro burguês, apesar da presença do catador e de seu companheiro, que noutro contexto

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=hLYmg2SkPm8&t=56s>

não estariam ali, mas Miró institui uma cena onde todas as coisas encontram-se ligadas. Fora do poema, na vida presente, tais elementos até poderiam estar justapostos, mas permaneceriam separados. Dentro da matriz semântica dos discursos autoritários, tais coisas sequer seriam enxergadas. A poesia se produz como uma reação à cena real observada pelo poeta. Dono de uma sensibilidade social aguçada, ele consegue se emocionar com o que vê e entende que isto que enxerga já é mais do que suficiente para provocar seu lirismo. Não apenas o eu que fala une-se aos objetos descritos, mas também o olhar do poeta costura as coisas numa representação íntegra e plena de sentido. Fora deste olhar, as coisas encontrar-se-iam fragmentadas e invisíveis.

4. CONCLUSÃO

A poesia de Miró parte sobretudo das experiências daqueles que mais sofrem as contradições e injustiças da vida urbana. O subtítulo do documentário produzido por Wilson Freire sobre o poeta – *Miró: Preto, Pobre, Poeta e Periférico*¹⁸ – diz muito sobre o local de fala de onde parte o poeta recifense. Fazendo assim, ele rompe com o gerenciamento da visibilidade das minorias pretendida pelo discurso de extrema direita e devolve a condição de humanidade a essas pessoas. Ao se produzir a partir de uma visão empática e compreensiva do outro, a poesia de Miró enuncia um discurso de amor, oferecendo, assim, resistência ao ódio e ao autoritarismo. Voltando a Ortega Y Gasset, dizemos que se o ódio promove a separação e o esvaziamento de sentido, o amor promove conexões e compreensão. Atuando desta forma, ele torna o outro necessário, imprescindível às nossas vidas. “Há, por conseguinte, no amor, uma ampliação da individualidade que absorve outras coisas dentro desta, que as funde conosco” (ORTEGA Y GASSET 1967, p.37). A poesia para a resistência deve buscar essa ampliação da individualidade que nos fala o pensador espanhol. A resistência opõe sua força contra o amesquinamento da condição humana. Assim como o autoritarismo primeiro se instala na dimensão do imaginário por meio de dizeres e produtos aparentemente inocentes, a resistência também deve trabalhar no nível do simbólico; ela deve resistir ao sequestro das palavras e procurar preservar os sentidos para as coisas do mundo dentro de uma orientação ética e propositiva.

REFERÊNCIAS:

CONGRESSO EM FOCO. **Bolsonaro: “quilombola não serve nem para procriar”** [online]. Disponível na internet via <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/bolsonaro-quilombola-nao-serve-nem-para-procriar/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

ESTADÃO CONTEÚDO. **General Mourão liga índio à “indolência” e negro à “malandragem”** [online]. Disponível na internet via <https://exame.abril.com.br/brasil/general-mourao-liga-indio-a-indolencia-e-negro-a-malandragem/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

18 <https://www.youtube.com/watch?v=pncOPNB2qjc&t=20s>

FERNANDES, Marcella. **‘Homem não foi feito para atividades de casa’, diz presidente da bancada evangélica** [online]. Disponível na internet via https://www.huffpostbrasil.com/2017/06/16/homem-nao-foi-feito-para-atividades-de-casa-diz-presidente-da_a_22140743/ Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

FORUM. **Ato pró-Bolsonaro em Recife tem música que compara feministas a cadelas** [online]. Disponível na internet via <https://www.revistaforum.com.br/ato-pro-bolsonaro-em-recife-tem-musica-que-compara-feministas-a-cadelas/> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010.

GAZETA ONLINE. **Eduardo Bolsonaro: “Se for necessário prender 100 mil, qual o problema?”** [online]. Disponível na internet via <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/politica/2018/11/eduardo-bolsonaro--se-for-necessario-prender-100-mil-qual-o-problema-1014155723.html>. Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

MACIEL, A., LAVOR, T., ROZA, G., RIBEIRO, J., LÁZARO JR., ZANATTA, G., **Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país** [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539282750_803269.html Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **A gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MENDONÇA, Heloísa; GORTÁZAR, Naiara. **Bolsonaro a milhares em euforia: “Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos”** [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/22/actualidad/1540162319_752998.html Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

ORLANDI, Eni. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. Campinas: Pontes editores, 2012.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. São Paulo: Livraria Ibero-Americana, 1967.

ROMERO, Sílvio. **Compêndio de história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Imago Ed., Universidade Federal de Sergipe, 2001.

ROSÁRIO, André Telles do. **Corpoeticidade**: Poeta Miró e sua literatura performática. 2007. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7722> Arquivo capturado em 26 de novembro de 2018.

ROSSI, Marina; OLIVEIRA, Regiane. **Fremdschämen, a constrangedora ‘aula’ sobre nazismo dos brasileiros aos alemães** [online]. Disponível na internet via https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/13/politica/1536853605_958656.html Arquivo acessado em 26 de novembro de 2018.

SENRA, Ricardo. 'Ele soa como um de nós': ex-líder da Ku Klux Klan elogia Bolsonaro, mas critica proximidade com Israel [online]. Disponível na internet via <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/ele-soa-como-nos-ex-lider-da-ku-klux-klan-elogia-bolsonaro-mas-critica-proximidade-com-israel,abbbd712aab704bdb1d5461c491529ec8p1ypmd7.html> Arquivo acessado em 26 de novembro de 2018.

SOLANO, Ester; ORTELLADO, Pablo; MORETTO, Márcio. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à operação lava-jato e contra a reforma da previdência. *Em Debate (Belo Horizonte)*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, 2017. Disponível em: < <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/7.pdf> >.